ARCHIVO PITTORESCO

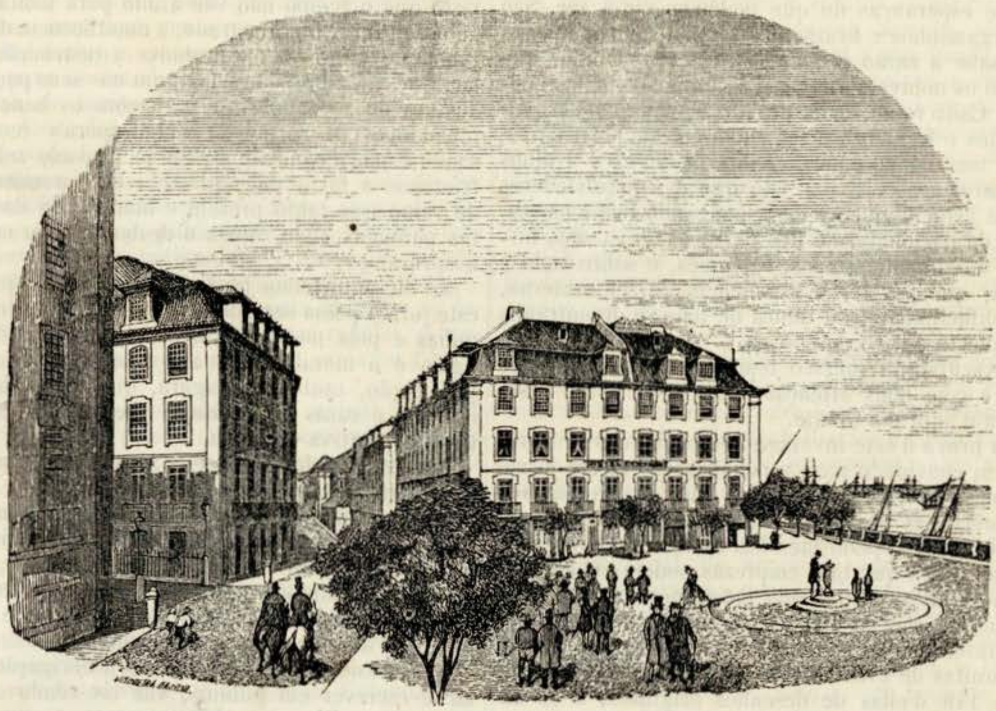
SEMANARIO ILLUSTRADO

EDITORES PROPRIETARIOS, CASTRO, IRMÃO & C.ª

Assignatura em Lisboa, anno 2:000 réis — para as Provincias, remettido pelo correio, 2:200 réis — numero avulso 50 réis.
Escriptorio, rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.

3.º ANNO — 1860

LISBOA VELHA E LISBOA NOVA



Praça dos Romulares — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Coelho

PROLOGO

Dois annos conta já este jornal de vida trabalhosa, cortada de estorvos e adversidades taes, que fariam soçobrar animos não tão revestidos de afoiteza e perseverança, que nunca, mercê de Deus, nos tem desamparado.

Quando nos afoitámos a mares onde tem desarvorado e naufragado tantos baixeis mais bem tripulados e mareados que o nosso, contavamos já com os contratempos de tal navegação. Mas alguns foram tão inopinados como só a mão da fatalidade os sabe deparar. Uma epidemia de muitos mezes nos dispersou e levou os leitores; um incendio total nos devorou a officina, e truncou as collecções do jornal.

Com boa sombra temos reparado estes desastres, e os nossos assignantes estão pontualmente inteirados do II volume, que terminámos com o anno passado de 1859.

Tendo, logo depois do incendio, estabelecido provisoriamente a officina em casa menos apta para o nosso trafego, tivemos de a transferir, no começo do presente anno, para edificio mais vasto e acommodo, qual é o que ora possuimos; e esta mudança nos inhibiu de encetar o III volume com o anno actual, como era nossa tenção, e para cujo effeito não poucas diligencias empregámos.

Agora, providos convenientemente para que a redacção e impressão do Archivo Pittoresco não desdiga, antes se avantaje dos numeros já publicados, vamos abrir o III volume com o primeiro trimestre do anno.

Gratos á acceitação publica que tem merecido o plano que adoptámos, seguil-o-hemos cuidadosamente, augmentando a variedade dos artigos, tanto quanto póde comportar a estreiteza das publicações d'esta ordem, e nacionalisando cada vez mais este jornal, não só com os retratos, monumentos, edificios, paizagens, productos e typos portuguezes, divulgados pela gravura de madeira, e por artistas

nossos, mas tambem pela narrativa dos feitos e acções de nossos antepassados, dos seus usos e costumes, antigualhas de muito valor e prestimo para retemperar o romance e o drama nacional, que andam hoje tão dissaboridos com as francezias de que ahi fazem uma linguagem enxacôca, e de tão suave idioma como é o portuguez, uma salsada que amaruja até aos paladares mais depravados.

Esta nacionalidade foi que levantou o antigo Panorama ás alturas em que o vimos resplandecer. O que até então jazêra sotterrado nos archivos publicos, e ignorado nas livrarias particulares, veiu á luz universal da imprensa, e deu renascimento á litteratura patria, e á gravura nacional, que até alli era supprida pelos *clichés* francezes.

N'um jornal popular esta condição é das primarias. O amor da patria e o zelo pela sua independencia, infunde-se e estimula-se pelas memorias e recordações do passado no que tem de glorioso, bom e imitavel em todos os tempos. Inspiram ellas o sentimento religioso, o respeito á moral; excitam o genio emprehendedor; dão conhecimento do que fomos, e esperanças do que podêmos vir a ser. São os pergaminhos e brazões de familia, por onde cada qual sabe a razão e origem do seu appellido, que nem só os nobres e afidalgados tem genealogias honrosas. Cada reino, cada provincia, cada cidade, villa, aldêa e freguezia a tem, não em um solar ou estirpe, mas commum e hereditaria de paes a filhos successivamente. É por isto que os conquistadores tratam astuciosamente de ir apagando todos os vestigios da nacionalidade dos povos conquistados, historia, monumentos, usos, costumes, e sobre tudo a lingua, que por ter a excellencia de ser materna, mais difficilmente, ou nunca de todo se desentranha esse affecto nativo dos povos.

O Archivo Pittoresco tem sempre visado a este alvo, e com mais attenção ainda n'elle trará posta a mira d'aqui em diante.

Boa prova d'este invariavel empenho dos editores, é terem convidado para a collaboração d'este jornal os bons escriptores do paiz, que se tem dignado ennobrecer as paginas do Archivo com os seus nomes, e egual appello lhes fazem aqui de novo, com o honorario a que taes emprezas podem chegar. Os artistas que tem illustrado tão esmeradamente este semanario, são os melhores que ha no reino. Nos dois antecedentes volumes contam-se já 233 gravuras, muitas de grande trabalho e apurada execução, sendo 148 d'ellas de desenhos originaes, e de assumptos portuguezes a maior parte.

O imperio do Brasil, que tanto auxilio presta ás publicações de Portugal, e onde innumeraveis patricios nossos se revêem a toda a hora nas folhas e livros, que da sua nação gloriosa lhes vão suavisar as saudades da terra, nos tem prestado sempre bom acolhimento. E ultimamente d'alli nos veiu um poderoso auxilio, que a gratidão nos manda divulgar e reconhecer, para que o exemplo se propague, que é este o melhor galardão e renome de taes acções.

Fundára-se na capital d'aquelle imperio uma sociedade composta de portuguezes, sob a symbolica denominação de «Madrépora» [1] cujos fins são prestar auxilio á civilisação e engrandecimento de Portugal, adoptando como primeiros esforços — «distribuir gratuitamente pelo povo, jornaes de litteratura, de sciencias, de artes liberaes e mechanicas.»

Foi pela benemerita direcção d'aquella sociedade, fundamentalmente patriotica, escolhido o Archivo Pittoresco como um dos jornaes dignos de auxiliar tão generoso e nacionalissimo empenho. Para este effeito, recebemos ordem de mandar distribuir por conta da sociedade um avultado numero de exemplares pelas escholas publicas do reino, e pelas casas de educação das classes desvalidas.

Correspondendo a este honroso testimunho de confiança e approvação do nosso jornal, nos desvelaremos por conseguir o intento que a sociedade «Madrépora» se propõe, já da sua parte executado pela distribuição, tambem gratuita, de outras publicações portuguezas.

A pedra angular de nosso engrandecimento é sem controversia a instrucção popular, que se não tem proporcionado, diffundido nem vigiado como é indispensavel, concorrendo para esta obra de salvação d'alma e de corpo, não só o estado, mas todos os bons cidadãos, attento que os poucos recursos do erario mal chegam para o que está legislado.

Merece uma estatua aquelle que primeiro se lembrou, e alcançou os meios, de ministrar leitura sã e de prestimo, ás escholas publicas da mocidade. Mas visto que o tempo não vae azado para monumentos de esculptura, o real agrado, a munificencia do Soberano que tanto ama e promove a instrucção popular, que até a hospéda e mantem nos seus paços, não deixará de se manifestar para com os benemeritos fundadores da sociedade «Madrépora» recompensando honorificamente o seu já provado zelo e patriotismo a favor da civilisação e engrandecimento do reino que tanto prezam e honram, lá das remotas paragens onde nunca o deslembraram nem menosprezam.

Se até aqui temos posto todo o cuidado, para que este jornal possa ser lido sem escrupulo, entre as familias e pela mocidade, o acatamento devido á religião e á moral continuará a ser o timbre d'esta publicação, tanto mais agora, que em escholas de infancia e casas de educação vae ser thema de leitura instructiva e amena.

Não tanto pelos artigos de actualidade, mas pelos monumentos antigos que n'estas paginas se hão de inserir, a lingua portugueza, na sua genuina construcção, na sua indole, abundancia, propriedade e donaires; na docil variedade dos seus estilos, poderá servir de estudo aos escholares, desde os elementos da grammatica até á nota de uma carta, e d'ahi á redacção de escriptos de maior folego.

A necessidade, e muitas vezes a obrigação de fallar e escrever em publico, vae crescendo de anno para anno. D'aqui a algum tempo não será gente aquelle que não souber pegar n'uma penna (como se costuma dizer figuradamente).

Se nas escholas se não encaminhar e dirigir a mocidade a esses campos elysios dos tempos modernos, onde tropeção e cáem aquelles que os não sabem pisar firme, não será a geração futura a nossa vergonha, não nos infamará de grande culpa, não nos cobrirá de maldições?

Atalhemos quanto antes este perigo, todos os que podérmos e soubermos.

Com este intuito, e os demais consignados no nosso primitivo plano, proseguiremos n'este volume.

PRAÇA DOS ROMULARES

Por duas transformações tão sensiveis tem já passado esta nossa Lisboa, que em breve andarão os antiquarios á busca de noticias e vestigios de muitos sitios e monumentos, como se estudassem a antiga Roma!

O terremoto e incendio de 1755 extinguiu gran-

[1] Madrépora chamam os naturalistas a um corpo marinho da feição de ramos de arbusto, empedernido, em cujos poros vivem polypos, e pertence á classe dos zoophitos ou animaes vegetaes, como o coral, a esponja, etc. N'um dos proximos numeros daremos a estampa e explicação competente.

dissima parte da Lisboa affonsina de que nunca tivemos uma boa planta. As obras municipaes de 1834 até hoje, tem egualmente revolvido e desobstruido a Lisboa pombalina, sem haver o accordo de deixar planta e memoria de todos os edificios demolidos, e de todos os sitios transformados, aliás com melhoramentos e construcções louvaveis.

Se nós agora buscámos de balde a origem e destino do antigo terreiro ou praça dos Romulares, egual sorte terão os que d'aqui a alguns annos se quizerem orientar em muitas paragens que vãe sumindo o atterro da Boa-Vista.

A photographia hoje é a melhor, a mais fiel depositaria que tem a historia, a chorographia, a topographia, a ichnographia, a archeologia em fim, para transmittir á posteridade os homens e as cousas que perecem como elles. Com este poderoso auxiliar, com este espelho reproductor que nos deparou o sol, não temos nenhuma das desculpas que se podem acceitar aos nossos antepassados.

Cumpre pois que o pelouro das obras municipaes e a intendencia das obras publicas, tomem um arbitrio a este respeito, para que nada se destrua ou transforme sem ficar nos seus archivos uma estampa cuidadosamente photographada, que depois se faculte para os estudos ou publicações historicas e artisticas, de nacionaes e estrangeiros.

Além d'esta lembrança feita aqui, promoveremos perante essas duas estações publicas a sua execução.

Voltando á praça dos Romulares, ou cáes do Sodré, como geralmente se lhe chama, representado na gravura que hoje publicâmos, diremos, que tentando investigar a antiguidade e derivação do nome d'esta praça, não o conseguimos. Só alcançámos, que muito antes do terremoto já assim se denominava, posto que não fosse praça regular, e apenas um sitio ou paragem da longa praia ou ribeira de Lisboa.

Jacome Ratton, ascendente do actual visconde d'Alcochete, que pelo tempo do terremoto morava ao Loreto, conta nas suas *Recordações*, que estava no seu escriptorio, fazendo ver a um comprador amostras de papel que tinha para vender, quando sentiu os primeiros abalos do pavoroso terremoto, e logo descêra para a rua, onde encontrando errante e espavorida uma sua visinha, estrangeira, lhe dera o braço, seguindo ambos pela rua do Alecrim abaixo, atravessando os «Romulares» em direcção ao mar; mas crescendo as ondas, retrocederam, vindo pela mesma rua do Alecrim até ao alto da Cotovia, para onde muito povo accorria.

Quando o marquez de Pombal dividiu a cidade em bairros para serem vigiados por magistrados especiaes, n'elles vem essa denominação, que ainda se conservou até aos nossos dias, e cremos que o sr. conselheiro José Bernardo da Silva Cabral foi o ultimo corregedor do bairro dos Romulares.

Este nome não se acha em nenhum vocabulario nem genealogia do nosso paiz. Seria appellido de algum italiano que alli tivesse o seu trafego, visto que por aquelle sitio residiam e negociavam muitos, e tanto que no visinho largo de S. Paulo houve d'antes um mercado que chamavam dos genovezes?

Haveria n'aquelle terreiro algumas figueiras italianas de certa especie chamada *romulare*, visto que muitas denominações de ruas e sitios de Lisboa tomaram o nome de arvores que ahi houve?

Tudo isto são conjecturas, similhantes ás que hão de fazer os nossos vindouros, quando virem citada a travéssa dos Gatos, que ha dias desappareceu com a demolição dos casebres do Loreto. Não terão fundamento para suppor que havia alli commercio ou vivenda de gatos?

O que se sabe é que toda aquella beira mar, ou, como então se chamava, marinha, desde os paços da Ribeira, situados onde agora está o arsenal, até ao paço de Santos, actualmente da casa d'Abrantes, era despovoada. O sitio que hoje occupa o cáes do Sodré e Corpo-Santo era tudo praia, onde se reunia a gente do mar, nacionaes e estrangeiros, e d'estes muitos, porque o commercio então era grande, por causa dos generos do Brasil, que se fazia todo pelo porto de Lisboa.

Para dar idéa da concurrencia que d'antes havia n'aquella paragem, citaremos um auctor do tempo dos Filippes. Os jesuitas tinham por costume ensinar a doutrina christã pelas praças e logares publicos. Para esse fim juntavam os rapazes das eschólas, e os levavam comsigo a esses logares, onde os rodeava muito povo, que assim attrahido do espectaculo ouvia tambem a doutrinação. O padre Balthasar Telles, eloquente chronista da Companhia, diz ao nosso proposito o seguinte:

«Advertindo o padre mestre Ignacio (o da cartilha) como n'aquella paragem da cidade a que chamam Corpo-Santo (chegava onde hoje se estende o cáes do Sodré) concorriam muitos estrangeiros de toda a sorte de gente, catholicos, hereges, soldados e marinheiros; pondo em ordem a sua luzida soldadesca (os meninos das escholas) entrou e conquistou aquella praça, levantando a bandeira da santa doutrina em um logar eminente á porta da ermida de Nossa Senhora da Graça, que até ao dia de hoje (1635) nos faz alli mui bom gasalhado, porque em todas as semanas, em um certo dia alli acode a santa doutrina a continuar a boa posse d'aquella praça, que se ganhou pela santa industria do padre mestre Ignacio, com grande fructo dos outros ouvintes, porque, os que não aproveitam, pelo menos se confundem.»

A ermida de que falla o chronista tinha sido edificada pelos maritimos e navegantes, e ahi veneravam a imagem de S. Pedro Gonçalves Telmo, para cuja canonisação elles trabalharam e gastaram muito; e a este patrono que invocavam e lhes apparecia nas tempestades chamavam o Corpo-Santo, ou, á hespanhola, Santelmo. A ermida demoliu-se depois do terremoto, mas a denominação que teve aquella praia, originada do orago da egreginha nautica, ainda se conserva no pequeno largo, dito do Corpo-Santo, que alguns erradamente tem dito provir-lhe tal denominação de haver alli desembarcado o corpo do infante santo, que assim chamaram a D. Fernando, filho d'el-rei D. João I, que ficou de refens em Tanger, para se restituir aos moiros a cidade de Ceuta, no que elle não consentiu, preferindo ir captivo para Fez, onde morreu martyrisado. Os seus ossos, quando vieram para o reino, desembarcaram no Restelo (Belem).

A denominação de cáes do Sodré, que vulgarmente abrange tambem esta praça dos Romulares, que fica no centro d'elle, foi dada depois do terremoto quando Vicente Sodré, descendente de Fradique Sodré, inglez que passou a este reino no tempo de D. Affonso V, edificou alli grandes predios que vinculou, concorrendo tambem para a cortina e obra do cáes, que é um dos mais centraes que tem Lisboa, e que dá melhor serventia aos navios ancorados no Tejo.

A camara municipal mandou arborisar esta praça, e em 1845 a fez empredrar de enxequetado preto e branco, pondo-lhe no meio um quadrante horisontal, sobre uma mesa redonda de pedra lioz, cousa ridicula, inutil, e impropria de tal logar, e que espera occasião de se fazer um varejo artistico á cidade, para ser d'alli extirpada como outros que taes abortivos, repugnantes ao gosto e correcção da arte, que diffamam a nossa capital.

Com o prolongamento do atterro que se está fazendo, esta praça cresce muito em área para o rio, por isso ha quem a julge então sufficiente para n'ella se levantar a estatua de Camões. tão nobre e artisticamente modelada pelo joven esculptor Victor Basto, e que brevemente será exposta ao publico na academia das Bellas-Artes.

Parece que o risco do artista fôra projectado para o novo largo do Loreto; mas os entendidos optam pela praça dos Romulares (que de certo então perderá o nome) porque se verá a estatua desaffrontadamente do Tejo e de toda a magnifica rua do Alecrim, a qual desce sobre o meio d'aquella praça.

D'este projecto, em breve daremos ampla noticia a nossos leitores.

ANTIGUIDADES NACIONAES

«Não calarei antigualhas que por suas cãs e longos annos, não sómente agradam aos olhos, mas criam no animo graves e doces considerações.»

Estas amoraveis palavras do Baronio portuguez, o douto antiquario George Cardoso, cáem-nos de feição para encabeçar a serie de noticias e monumentos inéditos da historia, lettras. artes, commercio, usanças e regimen do antigo Portugal, que havemos de estampar n'estas paginas.

A busca e selecção que d'essas antigualhas nos obrigâmos a fazer, ha de certo acreditar, perante os nossos leitores, a judiciosa sentença do auctor do «Agiologio Lusitano» que ao principio citámos.

O seguinte inédito recommenda-se à publicidade, mórmente por duas razões.

Primeira, como subsidio para a historia economica de Portugal, podendo-se desde já confrontar e citar na questão pendente em cortes, a respeito da admissão de cereaes estrangeiros.

Segunda, para que se veja como o povo, pelos seus representantes municipaes, tomava a mão e contrapesava nos negocios publicos, e isto em tempo que não tinha rei natural nem independencia.

Tambem é para estudar e imitar, a nobreza, chãnidade e isenção da linguagem, fallada directamente a um soberano absoluto, por homens de officio, que embora se valessem de interpretes lettrados, achavam quem os soubesse entender, zelar seus direitos, e propugnar seus interesses.

Haverá hoje, d'este cunho, muitos representantes do povo?

CARTA DO JUIZ DO POVO DA CIDADE DE LISBOA A EL-REI D. FILIPPE III SOBRE AS LICENÇAS PARA VIR PÃO DE FÓRA

Muito alto e poderoso senhor! — O juiz do povo e casa dos 24 de Lisboa, prostrados aos pés reaes de v. m. catholica, pedimos, em primeiro logar, perdão de fazermos lembrança do que toca ao officio de reinar; e em segundo, como agradecidos ao beneficio e bom governo de D. Fradique de Toledo, capitão geral d'este reino, pedimos a v. m. que se haja por bem servido na providencia e prevenção que elle fez, mandando ao senado da camara d'esta cidade, licenças para se darem a mercadores e pessoas estrangeiras, que se obrigassem a trazer pão e sustento a esta cidade, obra nascida de sua muita virtude e grande entendimento, e do muito zelo que tem ao serviço de v. m., em occasião menos apertada que a d'este anno (em o qual as continuas aguas que choveram este maio, e as grandes sêccas que sobrevieram até o presente, impediram poder semear-se e nascer pão), foi v. m. servido mandar escrever ao duque de Maqueda, servindo aqui no mesmo cargo, em carta de 25 de outubro de 1631, o seguinte: — *Han sido bien concedidas las licencias que aveis dado para hazer las dichas prevenciones, y de mas de aprovarlas os doy muchas gracias pelo cuidado que aveis puesto en esto, y quedo dello servido.* E ao presente, devendo v. m. (se tivera verdadeira informação) regraciar na mesma fórma ao marquez de Villa-Neuva, sentimos differentes effeitos, e o sentimos tanto pelo que toca á fé publica, e palavra dada pela cidade com as licenças do capitão geral de v. m., como pelo aperto em que este povo fica, necessitando de mantimentos, e impossibilitado de podel-os haver; porque, senhor, ainda que o capitão geral, e senado d'esta camara de Lisboa, não podessem dar as licenças que deram para virem navios com mantimentos, posto que fossem de Hollanda e contrabando, comtudo, como isto se ordenasse para alliviar o povo da falta de mantimentos, se podiam ordenar as taes licenças em ordem ao bem commum, e tão valiosas como ensinam os doutores que tratam esta materia; e com mais razão se devia regular ser esta a vontade de v. m., estando tão visinho o exemplo do anno passado, e sendo mais urgente a necessidade do presente.

Sendo a paz naturalmente a cousa mais necessaria para o augmento e conservação da republica, é certo ser de maior consideração a abastança dos mantimentos e cuidado d'elles, como notou um jurisconsulto que permittiu aos soldados podessem accusar os que fraudassem a anona, dando como razão que assim como vigiavam para bem da paz, muito mais o deviam fazer pela vida publica. E é tão necessario prevenir que não haja fome, quanto convem conservar a vida de todos quantos vivemos n'este povo, que quanto maior é e mais populoso, se accrescenta mais a fome, e tanto maior necessidade será, e com sua grandeza se consumirá, não devendo desejar-se menos no tempo que está sujeito a tão grande monarcha. E ainda é este expediente mais para se advertir em razão de que, no tempo da fome, commummente se come mais; e quanto isto esteja por conta de v. m. se vê bem no cuidado que os romanos tinham do provimento dos mantimentos para o povo romano, para o que crearam muitos ministros particulares, e o principe mandava repartir muito pão ao povo, a que chamavam anonas civis; e em tempo antes de Julio Cesar se dava pão a 320 mil homens, os quaes elle reduziu a 160 mil, por ver que se descuidavam da agricultura, como de Suetonio e Tacito refere Lipsio; e havendo fome no tempo do imperador Claudio, originando-se d'ella (como é costume) muitas sedições, roubos, e alevantamentos no povo, o mesmo imperador mandou buscar os mantimentos a seu risco, se se perdessem os navios por ser inverno, fazendo mercê aos mercadores que se obrigaram a trazel-os. Nem se ha de esperar que pendamos por momentos do sustento que houver limitado para poucos dias, antes d'isso se ha de atalhar, como já disse bem quem aconselhou, que preparasse a guerra quem desejava a paz. E para fazer fome, basta temer-se fome, porque peor é que a guerra o temor d'ella; e se faltarem os mantimentos e quem os traga, será necessario diminuir-se a multidão do povo, e desamparar-se a cidade, cujos officiaes se sustentam do trato e mercancia, aos quaes se faltarem seus ganhos, não havendo compradores, cessarão as obras mecanicas e os officios do povo, e basta que os que negoceiam tenham perigo para se recolherem sem negociar, e os preços das mercadorias excederem á medida do perigo.

O que tudo faz em consideração de v. m. haver de franquear a mercadoria do pão, que se trou-

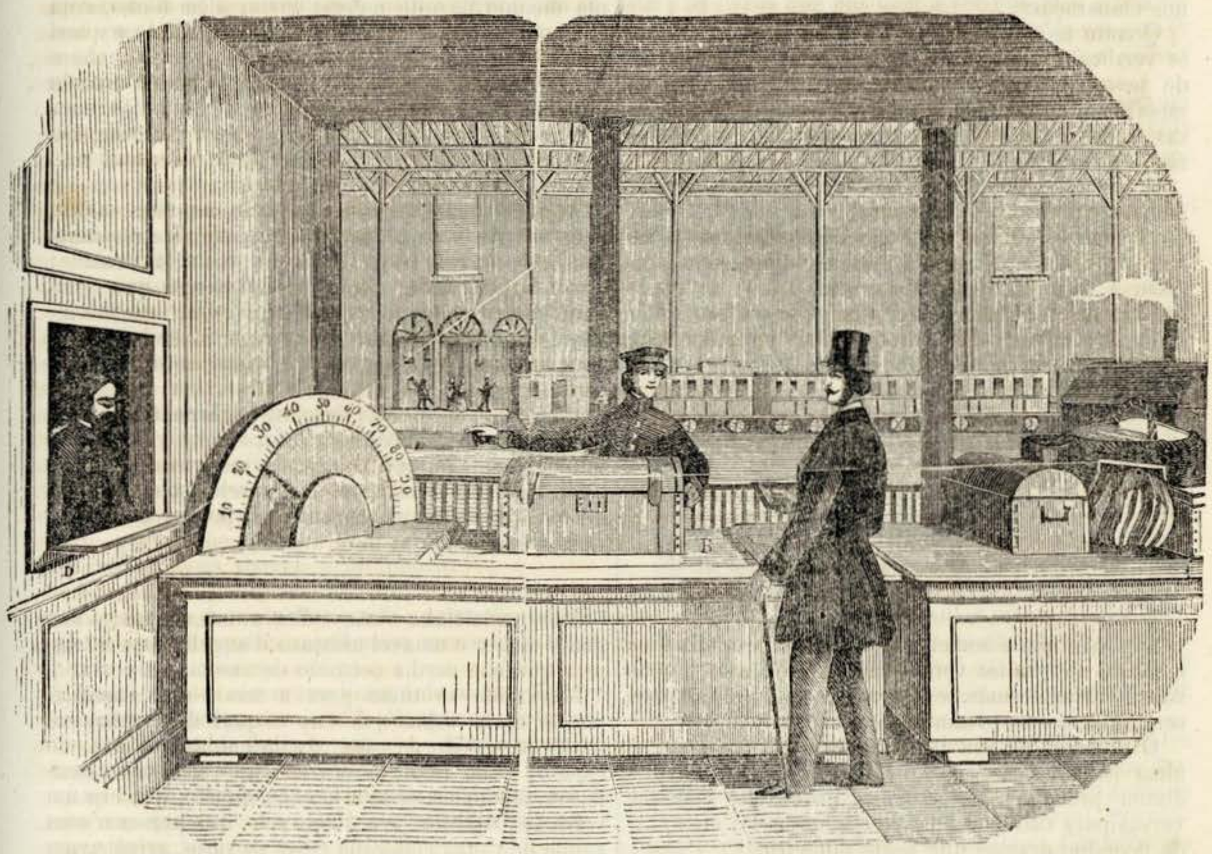
xer d'onde quer que venha, não só para as licenças que estão dadas, e navios que vieram debaixo da fé e palavra publica, mas para se darem todas as necessarias para haver abundancia, sem a qual não póde haver provimento para as armadas, e com fome nem os soldados podem sustentar as armas, nem conservar-se nenhuma pessoa em seu estado; e convem mais prevenir armas contra a fome que contra os inimigos, pois a fome é inimigo domestico, e que faz maior guerra sem risco nem despeza dos contrarios todos de v. m. Com isto alcançaram os romanos nome de paes da patria, e v. m. reconcentrará no coração de seus subditos o amor de rei natural e pae piedoso. Nosso Senhor guarde a real e catholica pessoa de v.m. para exaltação de sua santa fé, augmento de seus reinos, e conservação de seus vassallos. Escripta em mesa na casa dos 24 em Lisboa, aos 13 de setembro de 1632. Assignaram n'ella o juiz do povo Francisco Velloso, com os mais da casa.

—

CARTA D'EL-REI D. AFFONSO IV PARA JUDICH SEU VEADOR DA FAZENDA

Nós el-rei mandâmos a vós Judich, veador da fazenda da nossa cidade de Lisboa, que tanto que esta vos for apresentada, nos envieis trinta covados de bristol azul para nosso vestir, e mais nos enviareis com a dita presteza tres covados de veludo preto para colar e pontas de jubões do nosso filho, e mais quatro arrobas de assucar para nossa reposta [1] por haver necessidade d'ellas, por serem entrados embaixadores de reinos estranhos; e isto fareis com trigança. [2]

Em Coimbra celendas de outubro, era de 1332.—Rey.



O pesa-bagagem de Brussaut

Ha invenções que se distinguem por sua admiravel simplicidade, e pela utilidade de que todo o mundo se aproveita. A que representa a gravura é d'este genero.

O pesa-bagagem inventado por mr. Brussaut, para uso das estações *(gares)* dos caminhos de ferro, armazens, fabricas, etc., é denominado por elle «autopesador dynamico-circonvertente.» *Autopesador*, porque indica por si mesmo, sem o auxilio de pessoa alguma, o peso dos fardos e outros objectos; *dynamico*, porque é construido sobre o systema dos contrapesos e da alavanca; *circonvertente*, em fim, porque o ponto de apoio da alavanca, em vez de ser uma haste de lamina aguda, é um systema de rolos ou cylindros girando sobre si.

Deve considerar-se, quanto á parte exterior e jogo visivel, e quanto á construcção interior relativa ao ponto de apoio.

Concernente ao primeiro ponto, a gravura o faz melhor comprehender que qualquer explicação. A gravura representa a frente da estação do caminho de ferro com a longa mesa onde se depositam as bagagens, e a guarita do empregado que inscreve os pesos.

O empregado A faz resvalar o fardo sobre a mesa até ao prato, ou concha da nova balança B, que está ao nivel da mesa, da qual é continuação. Esta concha é a mesma do contrapeso, porque o resto do apparelho de pesar está encoberto.

O meio-quadrante C tem os numeros indicadores

[1] Ucharia.
[2] Brevidade.

dos differentes pesos, por grandes divisões de dez em dez kilogrammas, com subdivisões por kilogrammas. A agulha ou ponteiro do quadrante corresponde-se com a alavanca, de fórma que recebe todas as influencias, e, por consequencia, marca o peso do objecto elevando-se tanto mais quanto elle é mais pesado. A capacidade do pesa-bagagem varía segundo a sua construcção; póde-se elevar até 10,000 kilogrammas; mas para os fardos dos viajantes, é sufficiente um quadrante que indique até 100 kilogrammas, como o da gravura.

O empregado D vê, do seu postigo, o peso de cada fardo e inscreve-o. Ao mesmo tempo o viajante verifica o peso, e está seguro de que o não enganaram, o que evita qualquer contestação.

Não é esta a unica vantagem; conhece-se logo que resulta d'este systema grande simplificação, que faz desapparecer os passos baldados, a troca de fardos, o tenteamento na balança do contrapeso para o equilibrio obrigado, e portanto, mais celeridade e menos embaraços.

Quanto ao apparelho circonvertente, sobre o qual se verifica o contrapeso, e que é o artificio interior do pesa-bagagem, consiste n'um systema novo de mobilidade mechanica, applicavel a multidão de cousas, rodas de wagons e vehiculos ordinarios, roldanas, volantes de manufacturas, etc.

O leitor comprehende, no tocante ao pesa-bagagem, que se poderia dispor n'elle o arranjo exterior, tanto com os antigos systemas de contrapeso, como com este. Porém, o novo systema ajuntará a precisão á exacção, tornando a mobilidade do ponto central de oscillação muito maior, e evitará todos os inconvenientes das usuras, falhas etc., da haste (fiel), n'um serviço sujeito a tantos accidentes, rapidez e baldões.

A POESIA DO LAR DOMESTICO [1]

......¡Mil veces desgraciado
El que al fulgor de tu hermosura ciego,
En su alma inerte y corazon helado
No abriga um rayo de tu augusto fuego!
¿Qué es el mundo sin ti? ¡templo vacio,
Cielo sin claridad, cadáver frio!

AVELLANEDA; *Ode a poesia*

I

A poesia não é somente aquelle raio que illumina a mente do que faz versos. A poesia está no mundo sob diversas fórmas, e alberga-se entre nós, quasi sempre sem que presintamos a sua presença.

O homem, no seu instincto egoista, acolhe-a na alma poucas vezes, porque não espera tirar d'ella algum proveito; na primeira juventude pede-lhe versos para cantar á mulher a quem ama; mais tarde pede-lhe dramas que dêem dinheiro.

Mas n'esta segunda épocha, já não é a poesia quem inspira a sua penna; a poesia escondêra-se envergonhada; porém sempre compassiva e generosa, deixa ao auctor dramatico a arte de fazer versos.

Desde o momento em que o homem quer vestir a poesia com o manto da especulação, a poesia foge d'elle.

Porque a poesia deve ser espontanea; é o sentimento, é a flor pura e odorifera que brota no coração; quando os raios da angustia hão crestado todas as flores da alma, a da poesia desenvolve a sua corolla mais formosa do que nunca; as lagrimas são-lhe o orvalho, e a resignação o sol benefico que a anima com os seus frouxos resplandores.

A poesia é a companheira inseparavel de toda a mulher boa, e a que aformoseia o lar domestico! Desgraçada da mulher que a desconhece, e infeliz tambem do homem que deseja para companheira uma mulher prosaica e materialista! Se procurar uma alma gelada, encontrar-se-ha com uma alma dura! Se buscar um coração falto de illusões, só achará um peito vazio, ou os vestigios sangruentos de um coração despedaçado!

II

A poesia é o sentimento do bello. Toda a mulher que trata de embellezar a vida de seu esposo e filhos, tem alma poetica e terna.

A mãe acalentando seu filho nos joelhos, perto de uma janella grinaldada de flores, tem a meus olhos uma poesia tão bella quanto eloquente.

A donzella sentada junto ao velho pae, lendo com suave e doce voz, nas longas noites de inverno, para o distrahir, offerece um quadro de ternissima e inimitavel poesia.

Não conheci ente mais poetico do que uma joven, filha de um antigo militar, que desposára um pobre empregado de poucos annos e ainda menos haveres.

Conheci-a dois annos depois de casada, e mãe de um menino de oito mezes; vivia, além d'isso, com elles seu velho pae, participando da modesta e quasi pobre existencia de seus filhos.

A repugnancia apoderava-se-me do animo quando ia, com minha mãe, a casa de alguma das suas faustosas e opulentas amigas; o meu coração, tão ingenuo, que nem sabia dar-se conta de suas sensações, entorpecia-se-me no peito.

Aquella monotona magnificencia, aquelles salões, onde o luxo se agglomerava debaixo de cem differentes aspectos, respirando em todos a vaidade; aquellas pesadas armações de damasco, que velavam quasi sempre o esplendor do dia; aquelles divans, em fim, destinados a levar um somnolento languor aos que os occupassem, causavam-me tal repugnancia, que não a podia vencer.

Com que vehemencia desejava, pelo contrario, que minha mãe me concedesse licença para ir a casa da minha joven amiga! Margarida inspirava-me terno carinho, uma sympathia incomprehensivel na edade em que então me encontrava, porque ainda não tinha completado os doze annos.

III

Margarida tinha vinte e dois annos apenas; o seu genio alegre e amavel afastava d'aquella casa a tristeza que não perdia occasião de assomar á porta.

Margarida só tinha para a servir uma rapariga pouco mais velha que eu, a qual desempenhava parte do serviço da casa: e ella cuidava do pae, do esposo, e do filho; o seu esmero carinhoso estendia-se tambem á janella do seu quarto, que era um verdadeiro jardim, e a duas rolas, que presas n'uma gaiola de canna collocada entre os vasos, arrulhavam tristemente.

Todas as vezes que eu ia ver Margarida, encontrava-a em casa; o seu gabinete estava unicamente guarnecido com algumas cadeiras de palhinha, uma mesa de engraçado feitio, sobre a qual havia sempre duas jarras com flores, e o berço do filhinho, velado por cortinas de musselina branca.

Junto do berço bordava Margarida todo o tempo que lhe ficava livre dos deveres domesticos. O ordenado do marido era limitado, e por isso ella fazia o sacrificio das horas de descanço, entregando-se áquelle trabalho, que lhe proporcionava algum dinheiro com que contribuir para o sustento da sua familia.

Quem diz que o trabalho diminue a vida e prejudica a saude, propaga um erro. Margarida era um prodigio de belleza florescente, de fresca e encantadora louçania; tinha sempre rosadas as faces, e os olhos brilhavam-lhe de felicidade e contentamento.

O trabalho é que conserva a tranquillidade no

[1] Versão do hespanhol.

espirito da mulher; a boa distribuição do tempo proporciona-lhe a tranquillidade da consciencia, e essa alegria inalteravel que emana da serenidade da alma. O ocio é o seu diabolico inimigo; porque o ocio corrompe o coração, debilita o entendimento, gela a alma, e perde todos os bons instinctos da mulher.

IV

Margarida, e sua familia, viviam n'um quarto defronte da casa em que eu habitava com a minha; todas as manhãs se levantavam ás sete, e cantando como um passarinho, asseava a sua pequena sala e o gabinete das flores, como eu lhe chamava.

Depois vestia o filhinho, que já andava só, ajudava a vestir seu velho pae, penteando-lhe os brancos cabellos, concertando-lhe a gravata, e prestando-lhe, em fim, todos os cuidados que a sua edade exigia.

Via-a eu, com um prazer indefinivel, entrar, sair, e distribuir os seus cuidados entre aquelles tres entes que cifravam n'ella toda a sua ventura; via-a mudar a agua ás suas rolas, dar-lhes alimento, e esperava com impaciencia a hora de seus enfeites e apuros, para assistir a elles, occulta pelas cortinas que guarneciam a minha janella.

Ao concluir todos os arranjos, Margarida tirava a touca branca, e desenlaçava os lindos cabellos castanhos, que penteava com incrivel agilidade, entrançando-os graciosa e singelamente atraz da cabeça.

Um vestido branco e liso, apertado com um cinto azul, era todo o seu adorno no verão; no inverno, substituia este trajo por outro de lã escura.

Depois de vestida assim, sentava-se a trabalhar, em quanto o avô brincava e ria com o neto.

Quando pela tarde voltava o esposo a casa, Margarida conhecia-lhe as passadas; deixava o bordado, e tomando o filho nos braços corria a recebel-o.

Quão ditoso devia sentir-se aquelle homem ao estreitar contra o seu peito a angelica esposa e o innocente filho! Grandissima devia ser a sua ventura, visto que se lhe gravava, em todas as feições, com caracteres assás visiveis e profundos!

Em quanto jantavam, não deixava eu de ouvir o riso sonoro e doce de Margarida; comtudo, o pouco tempo que permaneciam na mesa accusava a frugalidade dos manjares.

Muitas noites alcançava licença de minha mãe para passar o serão em casa de Margarida; esta acalentava o filho, e de novo tomava o bordado, embalando o berço com o mimoso e breve pé.

Ás dez horas deixava a agulha e tomava um livro, no qual lia com suave e tranquilla voz até á meia noite.

Como estavamos attentos á leitura, seu pae, seu esposo, e eu! Sentado o ancião em frente d'ella, escutava com uma especie de extase a voz da filha, e o joven esposo, apoiando a face na mão, parecia suspenso dos labios de Margarida.

Esta escolhia os livros que mais lhe agradava na bibliotheca de meu pae, e a eleição d'elles testimunhava assás a lucidez modesta do seu talento, de um talento que brilhava com a suave e grata formosura da perola, sem deslumbrar, como o diamante, com as suas brilhantes e acrisoladas facetas.

Preferia sempre as obras escriptas por mulheres: os romances de Mistriss Bennet, de Mme de Staël, de Mme Cottin e de Mme de Genlis, eram os seus favoritos. Certo dia que lhe eu levei um romance de George Sand, tomou-o, viu-lhe os titulos, agradeceu-me com doçura, e collocou-o sobre a mesa sem o abrir.

Perguntei-lhe, admirada, porque não o folheava, segundo o seu costume.

— Deixo-o aqui para que o leia meu marido; não me agrada esse auctor.

— Porque? observei-lhe com estranheza.

— Porque escolheu uma senda impropria do seu sexo, respondeu Margarida; George Sand invadiu o terreno que só deve pertencer ao homem.

— Porém, escreve debaixo do pseudonymo de homem.

— É exacto, replicou Margarida; acaso deixará de ser a sua alma de mulher? Minha querida Maria, Deus poz grande differença entre a alma, coração e os sentimentos do homem e os da mulher; a que abjura da natureza, dos impulsos que lhe tem dado o proprio Deus, a que troca aquella e estes pelos do outro sexo, não será amada como mulher, nem respeitada como homem; nunca excitará a admiração de ninguem, porque tudo o que é injusto é condemnavel; tudo o que é presumpçoso dista muito de ser grande: eu quero os livros d'essas mulheres que põem ante os olhos doces e evangelicas virtudes; os livros que ensinam a ser boa mãe e boa esposa, e aborreço as paginas envenenadas em que se vestem as paixões com manto de flores, e os crimes com manto de oiro.

Muitas vezes, ao tomar a penna para começar um livro destinado ao publico, me recordei das palavras de Margarida, d'aquellas palavras que ninguem esperaria de labios puros e inexpertos.

A ternura da alma, e o instincto da mulher sensivel, supprem com vantagem o proprio talento.

V

Desde a edade mais delicada se deve inculcar na alma da mulher a doce e suave poesia, que depois lhe servirá para aformosear o seu lar.

Façam-lhe amar tudo o que é bom, tudo o que é terno, tudo o que é bello; façam-lhe elevar a Deus o seu coração com sincero affecto. Deus é a fonte da verdadeira, da sublime poesia, o germen da belleza infinita.

Disse-o no artigo, *Fé*, que publiquei n'outra parte: *o amor é a poesia da religião: a fé o seu beneficio.*

Mães, inculcae no coração de vossas filhas o amor ao bello e a fé em Deus; serão d'este modo boas e felizes, e farão a ventura de quantos vivam ao seu lado.

E não soffrerão nunca esse agastamento, ou *spleen* fatal no homem e condemnavel na mulher, porque é sempre produzido pela ociosidade, ou pela saciedade dos prazeres.

Nada ha mais bello do que a virtude; os entes a quem o mundo chama em culta linguagem *despreoccupados*, aquelles que não recuam ante nenhum meio de satisfazer as suas paixões, gozam, porventura, e extasiam-se lendo as sublimes *Confidencias* de Lamartine, onde o amor materno se pinta com a maior verdade, onde as virtudes do lar domestico estão divinisadas pelo immortal poeta?

Fazei, pois, ó mães! fazei que vossas filhas amem a virtude; sujeitae-as ao dever; mostrae-lhes que a sorte da familia está nas mãos do nosso debil sexo, pois que o imperio e a influencia da mulher, não sáe, nem deve sair das paredes do seu lar.

Convencei-as de que a mais intima satisfação, o gozo mais completo, está na crença de cumprir com os seus deveres, e de que nada ha mais poeticamente bello do que a virtude.

A fronte da mulher boa traz um sêllo que lhe imprime a mão de Deus, e que os annos, os pezares e os soffrimentos respeitam.

Se é formosa, a sua belleza tem um caracter particular que se não encontra nas outras mulheres.

Se não foi dotada de graças pela natureza, possue ao menos um encanto indefinivel, que é, por assim dizer, o reflexo da alma.

A mulher boa aformoseia tudo quanto lhe está ao pé, e em tudo imprime o sêllo da verdadeira, suave e grata poesia, que é a felicidade do lar.

Porque a poesia, como disse, não consiste unicamente em fazer versos; a poesia está sempre em toda a alma candida e terna, em todo o coração recto e sensivel.

Tudo o que é bello, tudo o que é bom, é poetico.

Por isso repito: infeliz da mulher que sente a alma exhausta de poesia! ella não conhecerá nem o amor de esposa, nem o de mãe, nem as santas affeições da familia.

Feliz, mil vezes, a que sente em si mesma a fonte do sentimento e da poesia! Nos deveres encontrará infinitas venturas, e atravessará a senda da vida sempre com o riso nos labios, e a serenidade na fronte.

A mulher que deplora esta sua condição, ou abdica os seus direitos para conquistar os de outro sexo, só será um inutil fardo para os seus, merecendo a sua justa execração. É acaso uma desgraça nascer para ser o anjo do lar domestico? para embellezar a existencia dos que amâmos?

Não, de certo; a mulher, se tem a alma elevada e poetica, o coração, o espirito recto e escudado com uma sincera e religiosa fé, encanta e torna feliz quanto a rodeia, e, portanto, é impossivel que seja infeliz!

D. MARIA DEL PILAR SINUÉS DE MARCO

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

Continuaremos a dar aqui, semanalmente, alguns themas para estudo e observancia da pureza e correcção da nossa lingua, a beneficio dos principiantes, e acaso dos que já o não são.

É principal obrigação de quem escreve, observar a correcção e pureza da linguagem, não a deturpando com barbarismos e solecismos, não a adulterando com dissonantes e escusados neologismos, nem tambem com excogitados archaismos, que tudo isto prejudica ou tolhe a clareza, que é a lei fundamental da escripta.

Os neologismos que pedem os progressos incessantes do espirito humano, são as heranças, o morgado inalienavel das linguas, porque a necessidade de exprimir uma idéa nova, ou denominar um novo producto, pede ou cunha, logo, a palavra que deve entrar na circulação do mundo civilisado.

Estes vocabulos não são gallicismos, como a escrupulosa nimiedade de alguns puristas quer que sejam, embora venham derivados do francez, porque a linguagem da sciencia é universal, e a technologia cosmopolita. O ponto está que sejam adequados, na versão, á indole e consonancia da lingua adoptante.

Gallicismos reprehensiveis são os termos e locuções que nos trazem, ou arrastam, da lingua franceza, para substituir ou repellir os que temos da nossa, com a mesma accepção, com mais energia, e muito mais bem soantes.

Um d'esses termos reprehensiveis é o verbo *partilhar* na accepção neutra ou intransitiva, tomada do verbo francez *partager*, que tem as duas naturezas, como muitos dos nossos. Partilhar entre nós é activo unicamente, porque para a acção intransitiva temos o verbo participar.

Cumpre advertir que nenhum diccionario da nossa lingua traz ainda o verbo *partilhar*, nem ao menos o do sr. D. José Lacerda, que é o mais recente, e tem bom numero de palavras novas.

Temos o substantivo *partilha*, termo de jurisprudencia orphanologica, para designar a divisão ou partição de uma herança pelos legitimos herdeiros. D'este substantivo se forma o verbo partilhar, isto é, a acção de fazer partilha, dividir em partes, em pequenas partes talvez, porque a desinencia ou terminação em *ilha*, na nossa lingua, é em regra diminutiva. D'esta significação primitiva se lhe tiram os derivados com que já é usado por bons escriptores, pelo que deve ser incluido nos diccionarios, mas não com natureza de intransitivo, como a do francez, porque então é, não só gallicismo repugnante, mas barbarismo intoleravel.

Por exemplo, estas locuções, que temos lido até em diplomas officiaes: *O governo partilha as idéas do illustre deputado*. Póde-lhe partilhar o corpo ou os bens, mas não as idéas que são incorporeas. *Partilhar do sentimento publico. Partilho a mesma opinião. Partilhar as mesmas doutrinas, os seus pezares, as suas alegrias, etc.*, são gallicismos vergonhosos. Em bom portuguez deve dizer-se: Participar *do sentimento publico*. Participo *da mesma opinião, dos seus pezares, das suas alegrias, etc.*, isto é, tomo parte n'ellas. «Das boas obras que fazem uns, participam (e não *partilham*) todos os mais que estão na graça de Deus», diz o cathecismo.

ESTATISTICA DE LEITURA

No anno proximo findo de 1859, concorreram á bibliotheca nacional de Lisboa 6:112 leitores, e 57 visitantes, a maior parte estrangeiros e estrangeiras, a ver aquelle enorme deposito de livros, e o precioso gabinete de medalhas.

Estes concurrentes leram 8:727 volumes das seguintes materias:

De Historia, litteratura e polygraphia	5:144
De Sciencias naturaes, artes e officios	1:632
De Sciencias civis e politicas	1:120
De Sciencias ecclesiasticas	439
De bellas-artes	47
Jornaes politicos e litterarios	233
Manuscriptos	112
Livros emprestados aos estudiosos e escriptores, pelo praso e com a caução prescripta no regulamento de 7 de dezembro de 1837	673

ENIGMA



Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.